

## O mito em Platão e a transformação do homem

Patrick Martins  
Graduação -UnB

**Resumo:** Existem muitas leituras padrões sobre os mitos platônicos, mas o trabalho em questão busca mostrar como o mito em Platão não é somente uma estratégia retórica frente às limitações da linguagem, mas, antes o mito oferece uma hipótese plausível. Além disso, é também uma mudança do homem em um nível muito profundo; uma vez que Platão admite, desde o início da *República*, o poder que as histórias exercem sobre a alma das crianças e como essas histórias guiam os homens para as virtudes ou para os vícios reprováveis. Logo, Platão, ciente do perigo que as más histórias podem ter sobre a conduta dos homens, não usa de maneira ingênua os mitos, pois conhece bem a polissemia que o mito admite devido a sua estrutura que permite múltiplos quadros de leitura. E, assim, Platão encontra uma saída para transcender as barreiras da linguagem através das imagens, pois o mito se mostra um campo inesgotável de significações.

**Palavras chave:** *Platão; República; Mimesis; Mito; Imagem; Dialética.*

**Abstract:** There are many readings about the platonic myth, but the work in question seeks to reveal how the myth in Plato is not only a rhetorical strategy before limitations of language, but rather shows how the myth offers a plausible hypothesis. Moreover, it is also a change of man at a very deep level; since the beginning of the Republic, Plato admits the power that stories have in the soul of children and how these stories guide men into the virtues or the reprehensible habits. However, aware of the danger that the bad stories may have on the conduct of men, Plato do not uses myths naively as he acknowledges the polysemy that myths allow due to its structure, which allows numerous frames of interpretation. Thus, Plato finds an outlet to transcend the barriers of language through images since the myth shows an inexhaustible field of meanings.

**Key words:** *Plato; Republic; Mimesis; Myth; Image; Dialectic.*

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, comprovar que há nos mitos platônicos uma estratégia dialética para transformação do homem. Para se entender o percurso trilhado foram feitos quatro passos. Primeiramente foi preciso notar como Platão está preocupado com a educação das crianças, pois percebe que a tenra infância é o período que melhor se consegue modelar a alma dos homens, pois estes estão mais propensos a escutar todo tipo de fábulas e passam a guiar suas ações através dos exemplos dados por essas histórias<sup>1</sup>.

Para Platão os mitos devem ser ensinados desde a juventude, pois com eles será impressa uma imagem em cada jovem, tornando-o apto para o conhecimento. Pois o ato de ouvir mitos transforma, esculpe e molda a alma daqueles que tiveram contato com isso na infância. Como pode ser visto nessa passagem da *República*:

- Ora pois, tu sabes que, em qualquer empreendimento, o mais trabalhoso é o começo, sobretudo para quem for novo e tenro? Pois é sobretudo nessa altura que se é moldado, e se enterra a matriz que alguém queira imprimir numa pessoa?

- Absolutamente.

- Ora pois, havemos de consentir sem mais que as crianças escutem fábulas fabricadas ao acaso por quem calhar, e recolham na sua alma opiniões na sua maior parte contrárias às que, quando crescerem, entendemos que deverão ter?<sup>2</sup>

Ainda na *República*, Sócrates dirá “persuadiremos as avós e as mães a contá-las às crianças e a moldar as suas almas por meio de das fábulas, com muito mais cuidado do que os corpos com as mãos<sup>3</sup>.” Isto é, o mito traz consigo esse poder de esculpir uma certa forma na alma. A respeito do poder magnetizante dos mitos e das experiências artísticas, Muniz em *Platão Contra a Arte* bem pontua:

A arte potencializa a experiência sensível, intensifica as emoções a ponto de impedir a descoberta da natureza do sensível como imagem imperfeita da Forma, ou seja, impedir que sua deficiência seja exposta. A arte oculta a deficiência do sensível. Mas de que maneira? Tornando-o autossuficiente. Daí, a educação artística produzir massas de plateias fanáticas pelo audiovisual, fanáticas pelos espetáculos de imagens e

---

<sup>1</sup> PLATÃO, *A República*, 377c.

<sup>2</sup> PLATÃO, *A República*, 377a-b.

<sup>3</sup> PLATÃO, *A República*, 377c.

sons. É nesse sentido que a arte é um treinamento para a estetização da experiência humana<sup>4</sup>.

Sendo assim, a ideia aqui é de que o polimento da alma faz com que o indivíduo aja de acordo com a forma que foi instruída desde a infância, porque há um encantamento próprio da arte sobre os homens. Logo, podemos entender que a verdade que Platão encontra no mito é essa habilidade que o mito tem de moldar a alma de um homem da maneira correta, de modo que essa forma correta e virtuosa seja impressa em sua alma.

No segundo passo da pesquisa foi necessário analisar se os diálogos platônicos teriam por finalidade formar o indivíduo a partir do método dialético. E, além disso, questionar o papel do mito dentro do esqueleto teórico de Platão.

Em toda a história da filosofia antiga podemos distinguir dois tipos de atividades frequentes no que diz respeito às atividades filosóficas; por um lado haveria uma escolha e prática de um modo de vida; e de outro, o discurso filosófico que determina esse modo de vida, mas que é ineficiente ao tentar exemplificar o que é essencial para essa filosofia.

Por isso é necessário entender que o uso dos mitos em Platão é objeto de contenda e dúvida, pois as explicações de Platão parecem, com frequência, estarem ligadas a uma noção de verossimilhança. O mito não é um método para buscar a verdade, mas antes disso é um meio que se tem para expor o verossímil. O mito não propõe dar uma verdade, mas oferecer uma hipótese plausível. A respeito disso, Brochard dirá que o mito mesmo que não verificável, sugere o provável.<sup>5</sup> E é nesse ponto que Platão vai reforçar seu argumento de que se deve rejeitar o que há de danoso dos mitos, em uma dimensão ético-política, pois essa ilusão poética criada pelo mito irá se refletir de maneira prejudicial na alma do homem.

Ora, se o mito não tem por objetivo a verdade, é sensato supor que ele tem por propósito atingir certa pluralidade de sentidos. E, portanto, esse sentido precisa ser interpretado e decifrado no conjunto imagético que o próprio mito se põe. Ou seja, o objetivo principal dos mitos é o de contar uma história que tenha por finalidade demonstrar certa realidade. O diálogo tem por função fazer os interlocutores praticarem uma "forma de vida", pois no instante em que dialogam e se compreendem como sujeito eles se transcendem a si mesmos. Terá o mito a mesma função?

---

<sup>4</sup> MUNIZ, Fernando, *Platão Contra a Arte*, p. 33.

<sup>5</sup> BROCHARD, Victor, *Les Mythes dans la Philosophie de Platon*, p. 6.

O que tem importância aqui é o conteúdo pelo qual o diálogo transforma o homem, pois no momento em que o diálogo entra em choque com a limitação da linguagem, o mito é usado como recurso retórico de Platão para lidar com as próprias barreiras da linguagem.

Sendo assim, Barros questionará com propriedade se o mito é uma resposta racional dentro do esquematismo conceitual platônico:

Em todo caso, perguntamos: não teria sido o apelo ao mito uma resposta racional aos próprios limites da estrutura da razão e uma valorização funcional da mesma, enquanto potência redentora – e, no caso, disciplinadora, da capacidade humana de fabulação? Até que ponto essa ambiguidade, entre mito e dialética, assim tratada por Platão e tão íntima do seu pensamento, não pode ser vista como uma forma de enfrentar os desafios da pesquisa, um estímulo à busca permanente, tal como nos sugere Sócrates, no *Mênon*<sup>6</sup>?

Embora os mitos verossímeis não apresentem a realidade tal como é, tem em si um conteúdo que ultrapassa sua esfera conceitual, pois molda a alma de tal forma que tem por efeito produzir um bom comportamento, e, sendo assim, o mito apresenta algum conteúdo de verdade. Porém não se deve entender ‘verdade’ no sentido de que a linguagem mítica está conectada à realidade, mas entendê-la como uma ferramenta que tem certa funcionalidade.

Todo esforço de Platão ao usar a dialética, na forma em que se encontra nos diálogos, para a transformação do homem é antes uma tentativa de "voltar-se para a vida intelectual e espiritual" (HADOT, 1999, p. 102), isto é, haveria uma transformação interna que deve levar o homem sempre a praticar os atos mais virtuosos e elevados. Pois quando Sócrates fala na *República* sobre as virtudes como um grau elevado de saber, ele queria dizer que somente através do bem é que se pode alcançar a verdade, pois esta merece ser estimada sobre todas as coisas (PLATÃO, *A República*, 389b). Isto é, a virtude, para Platão, faz com que o homem que a possui, deseje sempre praticar o bem, pois entende o bem como uma virtude que está além do mundo sensível.<sup>7</sup> Como explicitará Hadot:

Parece que Sócrates admitiu implicitamente existir em todos os homens um desejo inato do bem. É também nesse sentido que se apresentava

---

<sup>6</sup> BARROS, Gilda Naécia Maciel, *Mito e paideia*, p.5.

<sup>7</sup> HADOT, Pierre, *O que é filosofia Antiga?*, p. 102-103.

como um simples parteiro, cujo papel limitava-se a fazer que seus interlocutores descobrissem suas possibilidades interiores<sup>8</sup>.

A saída que Barros apresenta é que devemos recorrer à valorização que Platão faz da opinião verdadeira, pois essa posição abriria espaço para certo probabilismo. De forma a interpretar o mito como uma expressão, e não como ciência ou uma diversão do filósofo. O mito assim seria interpretado como uma opinião verossímil.<sup>9</sup> A respeito desse direcionamento, Schuhl dirá a respeito dos objetivos dos mitos:

Mitos indicam uma orientação, uma direção, na medida que configuram uma transposição vulgarizadora de raciocínios abstratos, inacessíveis ao vulgo. Na condição de *encantamento*, inserem o destino da alma em uma ordem cósmica animada<sup>10</sup>.

Em terceiro lugar na pesquisa, foi observado que para Platão, viver filosoficamente exige uma transformação em um nível espiritual e intelectual, pois tem que haver uma conversão da própria alma do homem, como sugere a seguinte passagem: “A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do ser. A isso chamamos o bem. Ou não?” (PLATÃO, *A República*, 518d). E essa pista teórica da conversão do homem encontrada na *República* foi fundamental para se alcançar o objetivo da pesquisa, que é fundamentar como há em Platão essa ambição por reformar moral e espiritualmente o homem.

Existem inúmeras práticas e exercícios espirituais que Platão irá demonstrar e que para alcançá-las, o filósofo deverá ser virtuoso, de forma que aquele que pratica o bem iria estar em harmonia com o universo e assimilaria em certo sentido à divindade. Como diz Platão no *Timeu*:

Timeu: É bem certo, ó Sócrates, que todos quantos partilhem o mínimo de bom senso, sempre que iniciam algum empreendimento, pequeno ou grande, invocam sempre, de algum modo, um deus. Quanto a nós, que nos preparamos para produzir discursos sobre o universo – sobre como

---

<sup>8</sup> HADOT, Pierre, *O que é a filosofia antiga?*, p. 62.

<sup>9</sup> BARROS, Gilda Naécia Maciel, *Mito e paideia*, p.3.

<sup>10</sup> SCHUHL, P.M., *apud* BARROS, Gilda Naécia Maciel. *Mito e paideia*, p. 27.

deveio ou se de facto nem o toca o devir –, caso não tenhamos perdido por completo o discernimento, é inevitável que invoquemos deuses e deusas, bem como roguemos que tudo o que dissermos seja conforme o seu intelecto e esteja em concordância com o nosso. E no que respeita aos deuses, seja esta a nossa invocação.<sup>11</sup>

Platão não entrará em detalhes a respeito da prática desses exercícios no *Timeu*, algo que veremos com mais detalhes em outros diálogos, como é o caso de *A República*, em que Platão diz que o homem deve buscar sempre a sabedoria e que deve saber conservar a calma mesmo na infelicidade, sem revoltar-se.<sup>12</sup> E com o auxílio desses exercícios, podemos mudar nossas disposições interiores para as desventuras que a vida pode nos causar, pois, observa Platão, não se pode definir o que é uma coisa boa e má em certas ocasiões, então basta que saibamos manter a calma e não nos revoltamos contra qualquer infortúnio, pois essas coisas não merecem ser levadas em conta como se fossem grandes preocupações. Pois é necessário que consideremos as coisas naquilo que elas são.

Outra prática platônica seria o de ver na filosofia uma espécie de exercício para a morte. A respeito de uma passagem no *Fédon*, Hadot dirá:

Sócrates declara que um homem que passou sua vida na filosofia tem, necessariamente, coragem para morrer, pois a filosofia é apenas um exercício para a morte. E ela é um exercício para a morte pois a morte é a separação entre alma e corpo, e a filosofia dedica-se a desligar sua alma de seu corpo. O corpo, com efeito, causa-nos mil problemas, por causa das paixões que engendra, das necessidades que nos impõe. É necessário que o filósofo se purifique, isto é, que se esforce para concentrar e unir a alma, para libertá-la da dispersão e da distração que lhe impõe o corpo. (...) Esse exercício é indissolúvelmente ascese do corpo e do pensamento, despojamento das paixões para alcançar a pureza da inteligência<sup>13</sup>.

Ademais, na *República* o que é demonstrado é que uma filosofia para a morte não é mais que esse exercício que tem por função libertar o homem e por consequência libertar a alma do medo da morte:

---

<sup>11</sup> PLATÃO, *Timeu*, 27c.

<sup>12</sup> Ao argumentar sobre quais os fatores que levavam os homens a se entregarem às lamentações, Platão aconselha que sempre se busque o bem, independente das adversidades que se abatem sobre os homens, como pode ser visto no livro X da *República*: “A lei diz que o que há de mais belo é conservar a calma o mais possível nas desgraças e não se indignar, uma vez que não se sabe o mal e o bem que há em tais acontecimentos, nem se adianta nada, positivamente, em os suportar com dificuldade; nem tudo o que é humano merece que se lhe dê muita importância; e o que poderá acudir-nos o mais depressa possível é entravado pelo desgosto” PLATÃO, *A República*, 604 b-c.

<sup>13</sup> HADOT, Pierre, *O que é filosofia Antiga?*, pp.105-106; PLATÃO, *Fédon*, 64 a.

- Além disso, é preciso examinar o seguinte, se se quiser distinguir uma natureza filosófica da que o não é.
- Examinar o quê?
- Que não tenha, sem que tu o saibas, qualquer baixeza; porquanto a mesquinhez é o que há de mais contrário a uma alma que pretende alcançar sempre a totalidade do tempo e a totalidade do ser, supões que é capaz de julgar que a vida humana tem grande importância?
- É impossível – replicou ele.
- Uma pessoa nessas condições tão-pouco terá a morte na conta de uma coisa terrível?
- Nada disso.
- Por conseguinte, uma natureza covarde e grosseira não poderia ter parte na verdadeira filosofia, segundo parece.
- Acho que não<sup>14</sup>.

Deste modo, a alma deve sempre desejar um olhar do alto sobre toda a realidade, e o espírito aspirar incessantemente a compreender a totalidade das coisas divinas e humanas. Pois o homem que é dotado dessa elevação de espírito que contempla todos os tempos e todas as coisas, não acharia nada de grandioso na vida humana, e, sendo assim, não teria porque temer a morte. Logo, esse exercício de tender sempre a abraçar a totalidade da realidade de modo universal permite ao homem vencer o medo da morte.

Coisa parecida se encontra no *Teeteto*, onde trata do olhar do alto para as coisas que estão abaixo, em que Platão concebe o pensamento como um voo que passeia e viaja por toda parte.<sup>15</sup> Portanto, é a partir dos exercícios e da dialética que se consegue produzir na alma daquele que ouve um saber que se iguala ao da virtude. Porque para que alguém tome para si esse discurso e queira fazer esses exercícios espirituais, é necessário que tenha uma ideia do que é filosofia. Sendo assim, Platão escolherá a forma, que é a do diálogo, por dois motivos, dirá Hadot<sup>16</sup> por um lado porque esse gênero literário que colocava Sócrates como um personagem era muito comum e segundo porque essa forma que adquiria o diálogo "socrático" permitia que Platão trabalhasse sua ética de forma bem expositiva.

### *Considerações Finais*

---

<sup>14</sup> PLATÃO, *A República*, 486 a-b.

<sup>15</sup> PLATÃO, *Teeteto*, p. 173-176.

<sup>16</sup> HADOT, Pierre, *O que é filosofia Antiga?*, p.112.

No último passo da pesquisa foi necessário mostrar como Platão recorre a diversos jogos imagéticos e retóricos para por fim poder transformar os cidadãos da sua cidade ideal. Por isso, podemos entender que a proposta de Platão é política, no sentido de que ele acredita que com a aplicação da educação adequada aos guerreiros de alto prestígio da cidade ideal, pode-se mudar a vida política. Ou seja, toda articulação de imagens em Platão, como é feito nos mitos, não tem por função apenas tratar abstratamente do tema. Mas para Platão, segundo Hadot:

O "ofício de filósofo" consiste em agir. Se ele procura desempenhar um papel político em Siracusa, é para não passar, a seus próprios olhos, "por um belo palrador", incapaz de agir<sup>17</sup>.

O filósofo não teria por objetivo somente contemplar a vida e discorrer sobre os mais variados temas que não têm qualquer equivalência no mundo, mas antes disso, a tarefa do filósofo sugerida é que ele se aproprie dessas ideias e coloque-as em prática. Sobre o fato de Platão buscar formar jovens que estejam aptos a exercer a vida política, Hadot dirá:

Os sofistas pretenderam formar os jovens para a vida política, Platão quis fazer isso dotando-os de um saber bem superior àquele que os sofistas poderiam fornecer-lhes, de um saber que, de uma parte, será fundado sobre um método racional rigoroso e, de outra, segundo a concepção socrática, será inseparável do amor do bem e da transformação interior do homem. Ele não quer somente formar hábeis políticos, mas homens. Para realizar sua intenção política, Platão deve fazer um imenso desvio, isto é, criar uma comunidade intelectual e espiritual que será encarregada de formar, levando o tempo necessário, os novos homens<sup>18</sup>.

O objetivo de Platão é buscar homens preparados para exercer a vida política, mas entende que para isso é necessário primeiro educar o espírito dos jovens, e por isso faz uso do mito, pois percebe que o mito é uma ferramenta que provoca uma transformação interior que conduz o jovem a exercer sobre si mesmo certa vigilância com respeito aos seus atos. E isso faz com que julguem racionalmente sobre suas próprias atitudes de forma que buscarão fazer sempre o bem, e isso os tornarão aptos a exercerem a vida política.

---

<sup>17</sup> HADOT, Pierre, *O que é filosofia Antiga?*, p. 94.

<sup>18</sup> Ibid. p. 94.

Ainda segundo Hadot, Platão sempre mantém em vista a transformação do homem, pois através da sua concepção de cidade ideal, parece sugerir que eles – os cidadãos - possam ao menos entender que devem governar seu próprio eu com respeito às regras e determinações dessa cidade<sup>19</sup>.

Portanto, Hadot destaca que, para Platão, toda educação desses jovens seria feita dentro desta comunidade ou grupo, e assim que atingisse certa maturidade, esses mesmos filósofos deveriam dedicar-se à dialética.<sup>20</sup> Primeiro porque a dialética era de suma importância para a formação desses cidadãos, pois os filósofos iriam governar essa cidade ideal. E é de igual importância que conhecessem a dialética, na medida em que essa modificaria e melhoraria o discurso político, pois a dialética produz uma espécie de domínio do raciocínio correto.

O discurso dialético não é apenas uma ferramenta lógica, é, antes disso, um exercício espiritual que deve provocar naquele que a escuta uma transformação interna. Deve, portanto, o discurso escrito se dirigir ao bem e à virtude, como Platão bem exemplifica nessa passagem do *Fedro*:

Os melhores de todos os discursos escritos são os que têm por fim servir de memorandos aos que conhecem tais discursos e somente nas palavras cujo fito é a instrução, assim se gravando na alma, sobre o que é justo, belo e bom, somente nessas encontramos uma perfeição digna dos nossos esforços<sup>21</sup>.

Pondo isso em perspectiva com a tese de Hadot a respeito da filosofia antiga, tem-se que:

A filosofia consiste no movimento pelo qual o indivíduo se transcende em alguma coisa que o supera, para Platão, no *logos*, no discurso que implica uma exigência de racionalidade e de universalidade. Além disso, esse *logos* não representa uma espécie de saber absoluto; trata-se de fato, do acordo que se estabelece entre interlocutores que são levados a admitir certas posições em comum, acordo no qual eles superam seus pontos de vista particular<sup>22</sup>.

Ou seja, havia certa investigação das ideias que era representada sempre como um diálogo, Platão mesmo acreditava no pensamento como um diálogo: "Pensamento e discurso

---

<sup>19</sup> Ibid. p. 95.

<sup>20</sup> Ibid. p. 98. Ver PLATÃO, *A República*, 539 d-e.

<sup>21</sup> PLATÃO, *Fedro*, 278a.

<sup>22</sup> HADOT, Pierre, *O que é filosofia Antiga?*, p. 100.

são a mesma coisa, salvo que é o diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma que denominamos pensamento"<sup>23</sup>.

Por fim, os mitos na filosofia de Platão não parecem ter por função apenas edificar um sistema teórico e metódico qualquer sobre a realidade, mas antes disso ele busca transformar aquele que ouve o diálogo, e que esse ato o leve a conhecer o bem e praticar as virtudes mais elevadas.

Quando argumenta:

Por conseguinte, as outras qualidades chamadas da alma podem muito bem aproximar-se das do corpo; com efeito, se não existiram previamente, podem criar-se depois pelo hábito e pela prática. Mas a faculdade de pensar é, ao que parece, de um carácter mais divino, do que tudo o mais; nunca perde a força e, conforme a volta que lhe derem, pode tornar-se vantajosa e útil, ou inútil e prejudicial<sup>24</sup>.

Platão está reforçando a tese de que há qualidades que tomam parte física e espiritualmente a alma dos homens<sup>25</sup>, mas a faculdade de pensar é dentre todas a mais valiosa. Por isso, os mitos contados desde a infância têm uma função crucial que irá se refletir na vida moral dos homens. E uma vez que os homens virem os seus olhos para as coisas do alto, conhecerão a verdade e poderão satisfatoriamente cuidar da cidade<sup>26</sup>. Portanto, para Platão, os mitos enquanto uma dimensão verossímil tem o poder de imprimir uma marca indelével que vai moldar moralmente o pensamento e a alma dos homens, transformando e conduzindo os homens a praticarem sempre o bem e a virtude.

## Referências Bibliográficas

### *Fontes Primárias*

PLATÃO. *Fédon*. Os Pensadores, tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João CruzCosta. Nova Cultural. 5ª Edição, São Paulo, 1991.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução e notas de Pinharanda Gomes, Coleção de filosofia & Ensaios, Sexta edição, Guimarães Editores. Lisboa, 2000.

PLATÃO. *A República*. 11.ª edição. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Editora Fundação Calouste Gulbenkian Av. De Berna. Lisboa, 2008.

---

<sup>23</sup> PLATÃO, *Sofista*, 263e .

<sup>24</sup> PLATÃO, *A República*, 518e.

<sup>25</sup> PLATÃO, *A República*, 518e.

<sup>26</sup> PLATÃO, *A República*, 419c.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Leonel Vallandro, Ed. Especial Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Saraiva), 2011.

PLATÃO. *Teeteto*. NOGUEIRA, A. M., & BOERI, M. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005.

PLATÃO. *Timeu - Crítias*. Tradução do grego, introdução e notas [Rodolfo Lopes](#), Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra, 2011.

*Fontes Secundárias*

BROCHARD, Victor. *Les mythes dans la philosophie de Platon*. In: *La theorie platonicienne de la participation d'après le Parménide et le Sophiste (Études de philosophie ancienne et de philosophie moderne, Paris:Vrin, 1926)*

HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga?*. Editora Loyola, tradução de Dion Davi Macedo, São Paulo, 1999.

BARROS, Gilda Naécia Maciel. *Mito e Paideia*, FEUSP, 2008. Acesso em 23/02/2013 em [http://www.hottopos.com/notand\\_lib\\_10/gilda.pdf](http://www.hottopos.com/notand_lib_10/gilda.pdf)

MUNIZ, Fernando. *Os Filósofos e a arte - Platão Contra a Arte*. Haddock-Lobo, diversos Autores. Editora Rocco, 2010.

SCHUHL, P.M. *La fabulation platonicienne*. Paris: PUF, 1947.